

A importância da ceia do Senhor como fonte da teologia pastoral em tempos de pandemia, a partir das considerações do teólogo católico uruguaio Juan Luis Segundo e contribuições do teólogo luterano brasileiro Walter Altmann

*Martinho Rennecke*¹

Resumo: Esta Comunicação versa sobre o desafio da Igreja de rever sua pastoral frente a pandemia, a partir da superação do sacramentalismo presente na Ceia do Senhor, para que tenha por finalidade ser Boa Nova em tempos de crise, que possa conduzir à finalidade que Cristo lhe deu, que é levar a Igreja ao caráter de comunidade cristã no mundo. O presente trabalho tem como objetivo analisar textos sobre o tema a partir do teólogo católico uruguaio Juan Luis Segundo, com contribuições do teólogo luterano brasileiro Walter Altmann, que trazem pistas para que a Ceia do Senhor possa ser uma fonte para a teologia pastoral em tempos de crise. A metodologia utilizada se ancora na pesquisa bibliográfica. Os resultados apontam a rigidez com que acontecem as cerimônias sacramentais, onde a comunhão está ausente e a realidade psicológica não parece uma comunidade. Fórmulas automáticas, sem poder criador de solidariedade, obedecendo a impulsos mágicos. Este dom de Deus não tem por objetivo aquietar, mas tornar seus participantes solidários e criadores. “O que permanece invariável através da história, indiferente aos problemas [...], não pode, a não ser por magia, ser o fermento dessa mesma história, [...]”. (SEGUNDO, 1977, p. 10)

Palavras-chave: Sacramentos. Crises. Pastoral. Comunidade. Solidariedade.

INTRODUÇÃO

A Ementa da Conferência de abertura do Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral sob o tema “Discernir a pastoral em tempos de crise: realidade, desafios, tarefas”, afirma que o tempo que nos toca a viver está marcado por grandes crises. A pandemia provocada pelo novo coronavírus escancarou inúmeras situações limites nas quais a humanidade e a Igreja estão mergulhadas. A humanidade foi chamada a rever seus objetivos mais profundos de vida global, onde o lucro se configura como eixo dos processos econômicos excludentes, e a Igreja seus projetos de evangelização, superando o sacramentalismo e a doutrinação, para que atinja sua finalidade de ser verdadeiramente Boa Nova, sobretudo aos descartados da sociedade. Objetivo Geral do Congresso foi refletir sobre a pastoral da Igreja católica no atual contexto urbano, fragmentado e plural do Brasil em tempos de pandemia, que afetou tão profundamente a experiência religiosa, a vida eclesial e a organização das comunidades cristãs, para discernir, em meio a esses “sinais dos tempos”, os desafios e as tarefas para a ação pastoral e evangelizadora, contribuindo assim na construção de uma caminhada cada vez mais sinodal da Igreja, como a propõe o papa Francisco.

¹ Mestre em Teologia Prática, Doutorando em História das Teologias e Religiões na Faculdade EST. Bolsista da CAPES. mrennecke@hotmail.com

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o desafio da Igreja de rever sua pastoral frente a pandemia, a partir da superação do sacramentalismo presente na Ceia do Senhor, para que tenha por finalidade ser Boa Nova em tempos de crise, que possa conduzir à finalidade que Cristo lhe deu, que é levar a Igreja ao caráter de comunidade cristã no mundo. A partir de textos do teólogo católico uruguaio Juan Luis Segundo, com contribuições do teólogo luterano brasileiro Walter Altmann, se buscam pistas para que a Ceia do Senhor possa ser uma fonte para a teologia pastoral em tempos de crise. A metodologia utilizada se ancora na pesquisa bibliográfica. Os resultados apontam a rigidez com que acontecem as cerimônias sacramentais, onde a comunhão está ausente e a realidade psicológica não parece uma comunidade. Fórmulas automáticas, sem poder criador de solidariedade, obedecendo a impulsos mágicos. Este dom de Deus não tem por objetivo aquietar, mas tornar seus participantes solidários e criadores.

Na Ceia do Senhor, Deus quer demonstrar, de forma palpável, que se envolve, perdoa e aceita a cada um. A encarnação de Jesus Cristo é uma negação de toda a tentativa de chegar ao Pai por meio do misticismo, do ascetismo ou da especulação racionalista. O trino Deus se revela por meio da Palavra, mas ela sempre toma uma forma concreta, seja escrita, falada ou encenada através de alguém. É também no ambiente do contexto das relações humanas, na comunidade, que Deus se revela de forma especial em Jesus Cristo, estando presente com o seu corpo e sangue, em elementos extraídos da natureza, como a uva e o trigo manufaturados pelo homem no pão e no vinho da Santa Ceia.

1 DIFICULDADES PRESENTES NA CEIA DO SENHOR PARA QUE SEJA BOA NOVA EM TEMPOS DE CRISE

Uma vez cômicos e confiantes de que Deus demonstra, de forma palpável, que aceita e quer comungar com cada um através deste ato sacramental, não resta outro caminho que buscar de igual forma a aceitação entre os irmãos e conviver com eles assim como são. A celebração da Ceia do Senhor está inseparavelmente relacionada com o ambiente social de comunhão, de relações pessoais. O próprio povo traz os elementos produzidos a partir da natureza que, juntos com a Palavra de Deus, servem como meios de graça. Estes meios especiais nascem no contexto dos meios ordinários, cotidianos, assim como foi a celebração de Cristo com os seus. Neste cenário de comunhão e de relações existenciais cria-se um ambiente onde uma alma aflita e faminta, a desejar sinceramente o amor, a ajuda e o apoio de toda a comunidade, de Cristo e de toda cristandade, não duvide de que haverá de ser recebida na fé; que possa entrar em comunhão com todos na mesma relação, no mesmo amor. Construir vínculos de apoio e significado, pesquisar, refletir e escrever a respeito de crises na perspectiva da comunidade cristã que acolhe sem proselitismo confessional e, superando a lógica da mercadoria (troca, aquisição, concorrência, barganha) é extremamente relevante para as denominações religiosas que queiram fazer jus ao 'cristão' no nome. Além disso, é significativo para as pessoas irem ao encontro delas em situação de crise. Situações essas, em grande parte, decorrentes da exagerada mercantilização das diferentes esferas da vida.

Infelizmente não é o que o jesuíta católico uruguaio Juan Luis Segundo (Montevideo, 31.10.1925 - 17.01.1996), em sua obra “Teologia Aberta Para o Leigo Adulto - Os Sacramentos Hoje”, constata na realidade latino-americana:

Na América Latina falamos de sacramentos transportados, há quatro séculos, para um continente culturalmente heterogêneo ao extremo. [...] dezenas de séculos convivem hoje no continente americano. [...] a liturgia introduzida pelos colonizadores a partir da realidade religiosa ibérica do século XVI e, [...] compreendida de mil maneiras, [...]. (SEGUNDO, 1977, p. 33)

O ambiente já não ajuda a construir vínculos e não é significativo para as pessoas irem ao encontro das igrejas em situação de crise. Talvez nada de pessoal os atraia e os una:

Cada comungante se aproxima da hóstia rodeado de pessoas mais ou menos desconhecidas e que, depois da ‘comunhão’, continuarão a ser igualmente mais ou menos desconhecidas. [...] permite que se digam igualmente cristãos pessoas que não se encontram unidas sob nenhum outro aspecto. [...] ‘comungam’ atitudes que romperiam qualquer tentativa séria de reunião ou discussão [...]. (SEGUNDO, 1977, p. 13)

Num cenário de comunhão e de relações existenciais cria-se um ambiente onde uma alma aflita e faminta, a desejar sinceramente o amor, a ajuda e o apoio de toda a comunidade, de Cristo e de toda cristandade, não duvide de que haverá de ser recebida na fé; que possa entrar em comunhão com todos na mesma relação, no mesmo amor. É necessário buscar maneiras de superar este grave problema que acontece nas grandes comunidades que impede este cenário vivencial, onde cada comungante se aproxima da hóstia rodeado de pessoas que continuarão mais ou menos desconhecidas após o encontro. Juan L Segundo vê assim também o ritual da celebração quando afirma:

[...] com a maneira como se distribuem os sacramentos, a realidade psicológica não se parece nada a uma comunidade. [...] Conduzir novamente os sacramentos à finalidade que Cristo lhes deu, é levar a Igreja a seu caráter de comunidade [...] Nesta encontram-se, ao lado uns dos outros, no mesmo recinto, várias centenas de pessoas, muitas das quais não se conhecem. (SEGUNDO, 1977, p. 37)

Sem o desejo de buscar a comunhão com o próximo, seja ele qual for, prejudica-se o ambiente do amor, diminui-se o contexto das relações integradoras e se apaga a fé na promessa de perdão. Aquele que despreza outro jamais poderá torná-lo útil e diferente. Em outra obra sua, Segundo comenta que: “Ao passar de um cristianismo de conversão, [...] a um cristianismo de massa, as fórmulas da fé, como as dos ritos, tendem a simplificar-se e a imediatizar-se.

A simplificação, produto típico da produção em massa [...]. O imediatismo se revela na tendência a atribuir a essas fórmulas um efeito automático, [...]" (SEGUNDO, 1976, p. 52)

Mais primitivo ou mais civilizado, mais mecânico ou mais espiritual, o rito responde sempre a uma concepção dualista do mundo, ao desejo mais radical do homem: a segurança. O homem sente que já tem o seu destino marcado e que nada humano poderá fazer mudá-lo. Dependerá unicamente de sua íntima relação com a divindade. Quem procura um rito verdadeiro com a mesma atitude que leva outros a falsos ritos, está, radicalmente, na mesma situação destes, obedecendo a impulsos mágicos. É necessário descobrir a situação mágica pelos seus impulsos instintivos e sociais mais que pelo rito concretamente empregado. Segundo esclarece que

A magia, reduzida e seus elementos essenciais, consiste na busca de uma eficácia que supera o poder do homem, pelo recurso a poderes superiores [...] mediante gestos simbólicos. Estes, assumindo poder sobre-humano, mas que o homem 'controla' através de seu simbolismo, produzirão seu efeito imediatamente. [...] Desse conjunto de gestos e palavras se espera, efetivamente, um resultado automático, desproporcionado com a ação realizada, [...]. (SEGUNDO, 1976, p. 52.)

Uma comunidade pode ser facilitadora de integralidade ou de doença. Numa comunidade solidária, a qualidade dos relacionamentos proporciona um meio ambiente dentro do qual as pessoas são encorajadas a desenvolver sua personalidade única. As pessoas têm possibilidades adormecidas que desconhecem, assim como há forças na natureza ainda inexploradas. Aceitar a si mesmo como pessoas aceitas por Deus é uma das possibilidades que desperta esperança e liberta energia para mudança criativa. Através deste aprofundamento dinâmico da própria pessoa vem a capacidade de um relacionamento em um nível mais profundo com o outro. Uma vez que a natureza de Deus é relacional, a conversão é a transformação do indivíduo em pessoa. A pessoa é o ser em comunhão, que se realiza nas relações de afeto e amizade. Do mesmo modo como Cristo suporta e aceita o ser humano como pecador pode agora o ser humano suportar e aceitar pecadores na comunhão de Cristo, através do perdão dos pecados. Quem suporta, sabe-se suportado, e poderá suportar somente nesse poder. Isto abrirá espaço para o ouvir atentamente o outro, o que levará a aguçar o ouvir sobre si mesmo.

As comunidades que convocam ao desenvolvimento não temerão a intimidade do conflito nem a inevitável presença de dúvidas e lutas na fé em desenvolvimento. Através da relação com o próximo se cresce na prática do amor, se exercita a fé, tornar-se-ão mais humanos uns com os outros, aprender-se-á a conhecer-se melhor e ser recompensado, pois ajudando, se é também ajudado direta ou indiretamente. Deus Pai, aceitando a cada um de forma incondicional em seu Filho Jesus Cristo, presente corporalmente na sua Ceia, ama e quer servir nas necessidades fundamentais de cada ser, porque lhe agrada fazer isto, na comunhão de seus filhos. Tocados e inundados neste clima de aceitação, também surge em cada um o impulso

constrangedor de querer aceitar e servir ao próximo, sabendo que se está agradando ao Pai, e realizando um sentimento que realiza e traz paz.

Um dos problemas da comunhão dos santos, é de que não vemos a necessária correspondência entre o que o sacramento significa e a realidade da comunidade cristã no mundo. Segundo aponta para esta dificuldade quando constata:

Nas missas dominicais cantamos (ou nos fazem cantar) ‘Bendigamos ao Senhor que nos une em caridade’, e não vemos por nenhum lado que estejamos unidos ou próximos dessa união; [...] essa comum-união é o que está ausente. [...] Camilo Torres nunca deixou de encontrar sentido no sacramento em si mesmo. Naquilo em que deixou de encontrar sentido foi continuar distribuindo sacramentos a cristãos que se mostravam cerrados ao amor, insensíveis à injustiça, à miséria e à dor sofrida pelos irmãos mais pobres. (SEGUNDO, 1977, p. 43)

Ele também faz uma denúncia afirmando de que as Igrejas atribuem muitas vezes à secularização o afastamento constatado de sua membresia dos atos litúrgicos e sacramentais “[...] a vida *significativa* do povo de Deus se centrou, quase exclusivamente, nos sacramentos e, sobretudo, na missa. [...] não nos devemos alarmar se existe um evidente afastamento na prática dos sacramentos. [...] Este afastamento atribuído à secularização [...]”. (SEGUNDO, 1977, p. 40)

Outra questão que se poderia levantar para reflexão é a rigidez com que acontecem as cerimônias sacramentais. Fora as leituras o resto da celebração cúlrica é imutável. É a mesma nos países em desenvolvimento e nos desenvolvidos, nos bairros de luxo e nas favelas, em situação política de ditadura ou democracia. Os demais sacramentos pertencem ainda mais acentuadamente a essa segunda linha: a da imutabilidade. O teólogo luterano Walter Altmann (4.2.1944, Porto Alegre, RS), em sua obra **Lutero e Liberdade** chama atenção para este fato quando constata:

Ora, nossa percepção nos diz que a prática sacramental está em crise. Não me parece possível deixar de perceber algo de profundamente contraditório na maioria das celebrações batismais e eucarísticas em nossas comunidades eclesiais. Há algo nelas de mecânico [...]. Os sacramentos não são um acontecimento mágico que por influxo de um poder divino ocasionariam um novo estado ou uma nova qualidade nos seus receptores. (ALTMANN, 1994, p. 139,148)

Nas comunidades herdeiras da Reforma Protestante do século XVI, especialmente as luteranas, tradicionalmente a Ceia do Senhor tem acontecido como um momento de edificação bastante individual, com uma forte ênfase na concepção da presença real do corpo e sangue de Jesus Cristo nos elementos visíveis, com uma mínima ênfase na consciência de um contexto maior que envolve esta celebração, de forma fraternal e que seja voltada para o

outro, para fora. Pode-se desenvolver assim normalmente um sentimento de exclusivismo, um esfriamento lento das relações fraternais e de certa forma, um sutil desprezo com o mundo exterior ao eclesial, de onde paradoxalmente provêm os elementos usados na Ceia, o trigo para o pão e a uva para o vinho. Para a celebração da Eucaristia acorrem massas em ocasiões especiais, como à época da Paixão. É frequentemente dominante a preocupação pela agilização da celebração, a fim de que ela se desenrole o mais rapidamente possível. Tem-se pressa em obter a graça sacramental, para ‘ir para casa’. Segundo Altmann:

É bastante generalizado no luteranismo brasileiro – e, se vejo bem, também no catolicismo - um entendimento individualista, mágico e descomprometido da eficácia dos sacramentos. Entende-se a prática dos sacramentos como um recurso sagrado a forças divinas, capaz de sanar problemas e angústias existenciais - seguidamente também doenças físicas -, sem que daí resulte um aprofundamento da fé, um fortalecimento da comunhão e um compromisso com o amor ao próximo. (ALTMANN, 1994, p. 139)

Esta maneira de celebrar a Ceia do Senhor pode criar uma forma disfarçada de misticismo e de certo modo um ritual esvaziado de um sentido mais voltado para o prático. Num cenário assim a comunhão e as relações existenciais favorecem um ambiente onde uma alma aflita e faminta, a desejar sinceramente o amor, a ajuda e o apoio de toda a comunidade, de Cristo e de toda cristandade, duvide de que haverá de ser recebida na fé; que possa entrar em comunhão com todos na mesma relação, no mesmo amor.

2 POSSIBILIDADES PARA QUE A CEIA DO SENHOR POSSA SER BOA NOVA EM TEMPOS DE CRISE

Mediante a graça, o plano de Deus adquire suas possibilidades de realização objetiva, mas também porque o dom de Deus não tem por finalidade saciar-nos, aquietar-nos e sim tornar-nos plenamente livres e criadores e associar-nos destarte à obra mesma de Deus. Receber algo é sempre um perigo para quem recebe. Não há graça que não envolva perigo e responsabilidade. Neste sentido aponta e alerta Segundo, quando afirma:

Com efeito, para que uma verdade seja *adquirida* pelo homem, não basta que ele a repita como um papagaio, mas é preciso que a faça sua, e isto significa que se lhe de liberdade e tempo para que a pense e a deixe amadurecer. Mais ainda, que se lhe de oportunidade de ‘experimentá-la’, isto é, de aplica-la à existência, ainda que seja de maneira errada. (SEGUNDO, 1978, p. 100)

Na situação primitiva da Igreja eram capazes de transmitir o essencial do cristianismo dentro de um espaço de tempo muito reduzido, a saber, aquele que nosso interlocutor puder suportar sem buscar uma desculpa e dizer tchau. Temos a tarefa de redescobrir o essencial da

mensagem de Cristo, submersa hoje, entre muitos elementos verdadeiros que foram acumulados indiscriminadamente sobre o essencial durante séculos. O Reino de Deus vem muito antes e se faz presente no mundo, cuja missão é encarnar o Seu amor às pessoas em suas necessidades. Neste contexto a Igreja é chamada a participar e se expor aos povos com suas culturas e religiões, criticando os aspectos de alienação, mas caminhando com solidariedade, se esvaziando e compartilhando dores e crises. Com isso a Igreja se modifica, cresce, se transforma. Este é o chamado de cada um que participa da Igreja e que é convidado a participar dela. Como um primeiro passo para as denominações cristãs reverterem esta situação de alienação da realidade, Segundo propõe:

A primeira é que uma mensagem só pode ser boa notícia em relação a uma expectativa. Toda evangelização terá, portanto, que começar *escutando*. [...] contra todos nossos hábitos e reflexos espontâneos, segundo os quais, evangelizar é falar, e mesmo, se for possível, manter calado o ouvinte para que atenta a uma exposição completa e lógica. [...] Uma comunidade cristã que escuta se traduz em convivência profunda e amistosa com o não-cristão, [...] no reconhecimento (expresso em obras) dos valores humanos que ele possui e cultiva. (SEGUNDO, 1978, p. 97)

Nesta importância do escutar, são fundamentais as emoções, pois os gestos falam mais que mil palavras. A Igreja que não se preserva, mas se doa e vai ao encontro das necessidades das pessoas. A Igreja e o mundo fazem parte do mesmo barco e precisam buscar uma relação ampla e profunda. Respeitando a diversidade cultural e religiosa de cada um, a Igreja busca servir ao mundo em suas necessidades essenciais de solidariedade e comunhão. O aconselhamento pode descobrir com as pessoas, em diferentes situações de sua vida com crises e conflito, o significado da liberdade cristã, cujo direito de viver e a auto aceitação vem da graça de Deus. Deve ajudá-las para que vivam sua relação com Deus, consigo e com os outros de forma consciente e adulta. Neste sentido, as pessoas precisam ser capacitadas para assumirem suas responsabilidades de cidadãos e que se engajem em favor da melhora das condições de vida de cada um.

Outra coisa que é preciso observar é que existe um costume e, muitas vezes parece ser obrigação, despejar um monte de palavras às pessoas as quais se tenta levar algum conforto e ajuda em momentos de crise. O discípulo de Jesus não tem o direito nem o poder de impingir a palavra da graça a qualquer um a qualquer hora. Toda insistência, correr atrás do outro, o proselitismo, toda tentativa de convencer o outro por força própria, tudo isso é vão e perigoso. Neste sentido Altmann faz um importante alerta:

O evangelho único não é preservado pela mera repetição de formulações específicas, mas sim pelo processo de trazer à luz, em novo contexto, o evento liberário original, mesmo que isto requeira significativas alterações na terminologia, nos conceitos adotados e no modo

de argumentar. Não raro, as decisões práticas podem até mesmo ser antagônicas, a fim de preservar o mesmo espírito. (ALTMANN, 1994, p. 20)

Sem o desejo de buscar a comunhão com o próximo, seja ele qual for, prejudica-se o ambiente do amor, diminui-se o contexto das relações integradoras e se apaga a fé na promessa de perdão. Se não for assim, conseqüentemente a comunicação do amor de Deus não se estende à criação e a comunhão dos santos não é praticada nem se fortalece. O relacionamento harmonioso é o ambiente onde o Espírito Santo comunica a sua Palavra revelada. Conhecer as pessoas ajuda cada um a conhecer como Deus se manifesta nas e através delas, como resultado de sua ação graciosa e amorosa. O sacerdócio do crente é comunicado aos outros pela empatia com as necessidades dos outros. Nesta convivência com as limitações e deficiências de cada um, o ser humano cresce no conhecimento de si mesmo, suportando os atos livres do outro e os seus próprios, num exercício democrático de liberdades, fortalecendo sua espiritualidade e humanidade através da prática do amor. Isto não se conhece sem dor, sem fadiga, sem cansaço; pelo contrário, são pequenos e constantes partos. Neste sentido Segundo deixa um desafio:

“Se realmente as tomamos a sério, quando é que os homens honrada e seriamente se unem? Quando se preocupam pelo autêntico sentido do evangelho para aplicá-lo em suas vidas [...] Continuemos perguntando quando é que a prática sacramental une àqueles que não participam em nenhuma ideia vital, apesar de invocarem o nome de Jesus?” (SEGUNDO, 1977, p. 13)

Num mundo em que as pessoas dependem umas das outras e cada indivíduo existe numa rede de relacionamentos inter-humanos, é de todo inviável limitar a salvação ao indivíduo e ao seu relacionamento pessoal com Deus. O ser humano está em crise; assim ele se volta para além de si, para o divino que tem uma função importante neste contexto, onde as forças humanas fraquejam. A Igreja com seu papel de participante e porta-voz da ação e mensagem divinas, conduzindo Deus ao homem, assume o trabalho de reconduzir o homem a si mesmo e ao próximo, na crença de um mundo mais humano, harmônico e prazeroso. Deus não seria o Deus dos seres humanos, se não agisse com vistas ao mundo e para dentro da realidade mais próxima das pessoas. Altmann parece responder a este desafio de Segundo e segue com as conseqüências deste engajamento quando conclama:

“Trata-se, isto sim, de enfrentar o desafio de viver a fé e o amor dentro do mundo, assim como ele se apresenta. Logo, o cristão não apenas se comprazera com as belezas da vida, mas também será instrumento crítico e militante da fé contra o pecado, da justiça contra a injustiça, do amor contra a exploração, um combate que se experimenta dentro de si e, ao mesmo tempo, desenvolve em seu meio.” (ALTMANN, 1994, p. 36)

A fé cristã é pública, sua arena não é o templo, não é o coração, não é a doutrina, não é a denominação. Sua arena é o mundo! É o mundo amado inefavelmente por Deus. Amor escandaloso que lhe custou a morte de cruz, herege e subversivo como foi condenado pela religião e pelo Estado de sua época. A vocação pastoral é vocação pública. A paróquia não é qualquer outra denominação. A paróquia é o mundo. A Igreja foi estabelecida no mundo para benefício do resto da humanidade. Que a fé, exclusividade da Igreja, leve a mente para soluções plenamente humanas. A Igreja é enviada à humanidade para que, mediante ela, solucionemos problemas levantados pela história. A Igreja não tem soluções feitas. Unir-se-á aos demais homens contribuindo para isso com a fé, que ilumina tudo com uma nova luz. A Igreja não é um privilégio. Recebe-se para dar. A tarefa missionária é tão abrangente, ampla e profunda quanto o são as necessidades e exigências da vida humana. A Igreja toda levando o Evangelho todo a todo o mundo e à pessoa toda. Engajamento missionário da Igreja no tocante às realidades de injustiça, opressão, pobreza, discriminação e violência, chamando ao arrependimento e conversão, anunciando o perdão dos pecados. Neste sentido conclui Segundo quando exclama: “Ao contrário, se conseguirmos ver, nos sacramentos, [...] gestos pelos quais nos mostra sua atividade no interior da vida de todos e convoca a colaborar com ele nesta nova criação, teremos estabelecido entre sacramento e a magia uma linha intransponível.” (SEGUNDO, 1976, p. 54) O que permanece invariável através da história, indiferente aos problemas sujeitos a mudanças, não pode, a não ser por magia, ser o fermento dessa mesma história.

CONCLUSÃO

Respondendo ao questionamento inicial, sobre a superação do sacramentalismo presente na Ceia do Senhor, para que tenha por finalidade ser Boa Nova em tempos de crise, que possa conduzir à finalidade que Cristo lhe deu, que é levar a Igreja ao caráter de comunidade cristã no mundo pode-se concluir que ela pode ser o berço que acolhe, aceita e serve o ser humano em suas necessidades. Também o anima, conforta e estimula a aprofundar a comunhão fraternal e a servir o próximo, em toda e qualquer situação, assim como ele próprio é aceito. A conscientização de que Cristo quer ser lembrado no sacramento da Ceia do Senhor como aquele que serve e que deu a sua vida em favor de todas as pessoas, a ponto de derramar o seu sangue, mexe com os membros de igrejas tradicionais que veem na Ceia o ponto alto de seu culto, muitas vezes apenas como um proveito próprio e exclusivo. A Ceia do Senhor é manifestação do amor de Deus ao mundo. A Ceia do Senhor é fonte para a comunhão fraterna, o crescimento mútuo, compartilhamento, estímulo ao serviço de uns para com os outros na sociedade e como impulso para uma ardente caridade no serviço ao próximo.

Esta conscientização traz uma nova visão de relacionamento da Igreja com o mundo e as pessoas ao seu redor, especialmente nos seus sofrimentos e injustiças contextuais. Neste sacramento cada um é tão pequeno e igual às pessoas de fora da comunhão, e ali Deus o ama assim como ama o de fora, de onde ele um dia veio e da qual ele ainda faz parte como pecador que continua sendo. Esta nova consciência derruba as paredes de Igreja e abre a comunhão

com os outros e lança a Igreja em novos desafios. O desafio da Igreja dentro do Reino de Deus no mundo, como agência de transformação local, entre as diversas culturas, na transformação da sociedade. A comunidade somente pode ser solidária se todos seus participantes forem envolvidos nesta tarefa de amar o próximo e aceitá-lo assim como ele é e a servi-lo. E isto somente é possível quando o indivíduo se sente aceito e amado por Deus assim como ele é, dando-lhe capacidade de aceitar o outro e servi-lo da mesma forma. Nesta consolação fraterna se realiza a participação na missão de Deus no mundo, que é resgatar o ser humano do seu isolamento de si mesmo, do próximo e do próprio Deus. Não se nasce para sofrer. Se nasce para ser feliz e expressar esta felicidade. Isto não é alienação, é saúde. Da saúde do corpo de cada um depende a saúde da Terra, da saúde física de cada um depende a saúde da Terra, e da saúde psicológica de cada um depende a saúde social. As palavras, saúde, santidade, e salvação tem a mesma raiz. O Cristo convida a acompanhá-lo em sua ida ao encontro com os mortos em vida, aos “outros” para se manifestar a solidariedade e lutar como Ele e eles, pela vida e dignidade da pessoa humana. Ele pede que se largue as falsas imagens que dele são alimentadas, e convida a acompanhá-lo, em meio da história ambígua e concreta, no seu caminho a situações de morte e pecado para resgatar o ser humano.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Ática, 1994.
- SEGUNDO, Juan Luis. *Ação Pastoral Latino Americana*. São Paulo: Edições Loyola, 1978.
- SEGUNDO, Juan Luis. *Teologia aberta para o Leigo adulto - Essa Comunidade chamada Igreja*. São Paulo: Edições Loyola, 1976.
- SEGUNDO, Juan Luis. *Teologia aberta para o Leigo adulto – Os Sacramentos Hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 1977.